

Poetas contemporâneos discutem o que é poesia

Susana Souto Silva (UFAL)

Passados cem anos do surgimento do formalismo russo, que inaugura a Teoria da Literatura como campo específico de conhecimento, poetas e críticos ainda se debatem com questões como “o que faz de um texto um texto literário?”, “o que faz de um texto um poema?”, “há um específico literário?”. Os formalistas se empenharam em pesquisar o específico literário, a literariedade. Mas, como se sabe, não conseguiram chegar a uma definição fechada acerca do que está em todos os textos ditos literários e, ao mesmo tempo, excluído de todos os demais, considerados não-

literários. Apesar de não conseguirem definir a literariedade, defenderam uma função para a arte: a desautomatização perceptiva ou a desfamiliarização: “Como qualquer movimento de vanguarda, o Formalismo definiu os seus pressupostos e postulados em oposição à tradição precedente”, como afirma Lubomír Dolezel, em *A poética ocidental* (1990, p. 15).

Em publicação recente, Edson Cruz – um dos criadores do “Portal Literal”, baiano de Ilhéus que mora e trabalha em São Paulo – retoma a questão “o que é poesia?”, reconhece a impossibilidade de respondê-la sozinho e convida um grupo de quarenta e cinco poetas contemporâneos brasileiros, portugueses e hispano-americanos para discuti-la. No volume de 146 páginas, essa pergunta, como ocorre quase sempre com muitas outras de caráter complexo e contraditório (poderíamos dizer, irrespondível), é desdobrada em três: “O que é poesia para você?”; “O que um iniciante no fazer poético deve perseguir e de que maneira?” e “Cite 3 poetas e 3 textos referenciais para seu trabalho poético. Por que estas escolhas?”



Imagem: Divulgação

CRUZ, Edson (Org.). *O que é poesia?* Confraria do Vento/Calibán, 2009. 148p.

A primeira pergunta é relativizada pelo acréscimo de “para você”, indicando a impossibilidade de definições absolutas acerca da poesia. A segunda traz implícita a noção de escrita como estabelecimento de metas e objetivos (no verbo *perseguir*), o que pressupõe um modo que pode ser ensinado (*de que maneira*), deslocando a produção poética do campo das teorias do dom, da noção de inspiração. A terceira pergunta reforça o caráter intertextual da escrita, o texto é, como na definição de Kristeva, um “mosaico de citações” ou, no dizer de Bakhtin, “um elo numa longa cadeia de enunciação”. Escrever e ler são, assim, encarados como práticas correlatas. A noção de ruptura, cara aos formalistas, está presente no livro: “A linguagem poética prima por desviar-se de qualquer tipo de normalidade, de adequação social, histórica, mercadológica e existencial”, escreve Edson Cruz, na apresentação.

Alguns números significativos

Sem investir em uma análise quantitativa exaustiva, vale a pena observarmos alguns números: I. em sua esmagadora maioria, temos poetas homens, apenas 5 são mulheres: Ana Elisa Ribeiro, Bárbara Lia, Eunice Arruda, Micheline Verunshk e Virna Teixeira; II. apenas 9 são estrangeiros, dos quais 4 são portugueses; III. entre os 36 brasileiros, 15 são do estado de São Paulo e vários outros moram na cidade de São Paulo, como os pernambucanos Frederico Barbosa e Micheline Verunshk; IV. todos nasceram antes da década de 1980, a variação quanto à faixa etária é bem extensa, indo de 1930 a 1978; VI. todos publicaram seus poemas no formato livro impresso.

Esse quadro nos faz levantar algumas hipóteses sobre a produção, a circulação e a recepção do texto literário na atualidade. Talvez a escrita, inclusive a literária, ainda seja tida como espaço masculino, como denuncia Virginia Woolf, no início do século XX, em seu famoso ensaio *Um teto todo seu*. Ou os críticos (nesse caso, o organizador do volume) resistam a reconhecer a presença das mulheres no cenário da poesia brasileira. Outra questão remete-nos à circulação do texto chamado literário no Brasil. Situadas principalmente no eixo Rio–São Paulo, as grandes editoras deram maior visibilidade ao que era produzido nessas regiões, seja por pessoas ali nascidas, seja por pessoas que para lá migraram, o que limita a circulação do livro impresso no Brasil; muitas vezes, o que se chama de poesia contemporânea é, antes, a poesia publicada por grandes editoras ou por editoras situadas nesses lugares acima circunscritos. Quanto à circulação e à recepção, podemos pensar também acerca da existência da propaganda literária latino-americana,

como se houvesse um trânsito significativo de poetas, livros, com as devidas traduções e textos críticos entre os países que compõem essa comunidade. No entanto, neste volume, sequer toda a América do Sul está representada; temos apenas poetas da Argentina, como Jorge Rivelli; do México, Jair Cortés; do Uruguai, Washington Benavides; e de Cuba, José Kozer e Rodolfo Hässler. Por último, verifica-se a centralidade do livro impresso como suporte privilegiado do literário, o que está em consonância com a noção de *literatura*, vocábulo derivado do latim *littera* (letra). Apesar do advento das textualidades digitais nas últimas décadas, o livro impresso ainda é um critério importante para definir quem é ou não escritor literário.

Poesia: inspiração ou trabalho com a linguagem?

As respostas dos quarenta e cinco poetas escolhidos são apresentadas em ordem alfabética, o que dilui a noção de hierarquia entre os nomes selecionados.

Além da centralidade do livro impresso, da participação pequena de poetas mulheres e de escritores de outros países da América Latina, ressalta também, e isso merece especial destaque, a permanência de uma noção de poesia orientada por uma visão quase mística do poeta e do seu ofício. A maioria dos entrevistados investe em uma definição de poesia que a leva para o campo do insondável. Para Affonso Romano de Sant'Anna, "Poesia é o espanto transverberado" (p. 14); para Cláudio Daniel da Costa, "Perplexidade; descoberta; encantamento" (p. 43); para Eunice Arruda, "Significa captar no cotidiano as emoções" (p. 46); para Floriano Martins, "O mais absoluto estado de entrega ao mundo" (p. 54). Horácio Costa diz que "É um registro da voz humana, a arte do vento" (p. 63). Continuamos com a questão e até mesmo nos perguntamos se é possível fazer essa pergunta e respondê-la fora do transe. Antonio Cícero fica circulando em definições tautológicas: "A poesia é o que faz de um 'poema' um poema; ou, o que dá no mesmo, o que faz de um poema um poema bom" (p. 25). Continua nesse embate e cita Montaigne, afinal sem um francês, um alemão ou um grego nenhuma definição parece valer para o poeta-filósofo.

Quase todos os poetas escrevem respostas sucintas, com exceção de André Vallias, que preenche duas páginas com uma infinidade de definições recortadas de poetas e artistas canônicos, elaboradas em uma espécie de mosaico, e de Luis Serguilha, poeta português, que, em quatro páginas, afirma que se recusa a definir poesia, e,

significativamente, escreve, no meio do período, a palavra poeta com letra maiúscula, *Poeta*.

Há também os que desviam a questão da definição para a função: em vez de pensar em “o que é poesia”, pensam em “para que serve a poesia”, como Aníbal Beça, que a considera “uma medicina espiritual” (p. 23). Glauco Mattoso, nessa mesma direção, aciona sua irreverência e aproxima o poeta e o palhaço: “A poesia é uma metralhadora na mão de um palhaço”. Continua, então, refletindo sobre seu “poder de fogo” que, “[...] no mínimo consegue provocar alguma reação, ainda que meramente divertindo o público, e alguma reflexão sobre o papel patético dos idealistas e visionários, que, no fundo, somos todos” (p. 60).

Outros defendem a noção de poesia como trabalho com a linguagem, que se faz a partir do que foi legado pela tradição. Nessa linha, estão Augusto de Campos, que cita Valéry e Ezra Pound, duas de suas grandes referências para pensar o fazer poético; Frederico Barbosa, que investe, seguindo Poe, em uma teoria do efeito, para afirmar que “Compor um poema é controlar nos mínimos detalhes os efeitos que o texto vai provocar no leitor” (p. 57); João Miguel Henriques: “é a linguagem que trabalha sobre a memória” (p. 66). O poeta mineiro Ricardo Aleixo discute os diversos mecanismos de difusão e construção do literário em nossa sociedade: “O contrário do que é ensinado em boa parte das escolinhas de letras. [...] O contrário do que se lê na maioria das nove ou dezessete revistas literárias que circulam por aí” (p. 106). Sebastião Nunes, outra voz que nos chega de Minas, retoma a noção de poesia como diálogo tenso com a tradição, ao definir poesia como a “busca do novo na linguagem (no sentido mais amplo do termo), com o máximo de originalidade possível, mas sem perder a inteligibilidade” (p. 120).

As duas outras perguntas levam à questão da intertextualidade. Quase todos são unânimes em aconselhar leituras e mais leituras aos aspirantes a poeta, o que contrasta com a maioria das respostas à primeira questão, que leva a poesia para o campo da inspiração, do sagrado. Podemos pensar que ainda é concedido um lugar de *status* ao poeta, ao menos no imaginário dos próprios poetas, ou da maioria deles, assim como a poesia ainda é sacralizada, apesar de todo o trabalho iconoclasta de parte das vanguardas históricas do século XX.

As respostas dadas para a terceira pergunta compõem um quadro bastante amplo de autores, das mais diferentes tradições, dos mais variados períodos e inflexões poéticas – experimentais e convencionais –, dos mais variados gêneros do discurso. Temos

Aristóteles, Valéry, Pound, Manuel Bandeira, Eliot, Horácio, Cecília Meireles, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Baudelaire, Fernando Pessoa, Carlos Drummond, Dante, Camões... Vale ainda destacar Augusto de Campos, presente no volume como poeta entrevistado e também citado por outros poetas no livro.

Diversidade

O título de um texto de Règine Robin, pesquisadora canadense, é bastante esclarecedor do atual estado dos estudos literários: “Extensão e incerteza da noção de literatura” (1998). A ampliação do acesso à escrita e à leitura, nos século XIX e XX, trouxe para a cena literária autores de diversas origens sociais, econômicas, culturais, que produzem seus textos a partir de repertórios também diversos, que, muitas vezes, entram em choque com a noção canônica de literatura. A ruptura com a teoria dos gêneros operada sistematicamente a partir do Romantismo, o que Bakhtin chama de romancização dos gêneros, e a crise da representação colocaram e colocam em xeque a definição de literatura e de poesia que ainda orienta grande parte dos manuais didáticos e dos currículos de Letras.

Este pequeno livro, que traz na capa, em variadas cores, os nomes dos poetas que respondem às questões propostas por Cruz, dá voz a escritores que estão atuando hoje, nesse contexto de multiplicidade, mas o faz ainda pelo viés da continuidade, da preservação de uma imagem de escritor e de poesia que há muito está em crise. Predomina uma imagem, construída e mantida pelo poetas, que remete para a permanência da noção de inspiração, a despeito de suas próprias produções indicarem caminhos em que essa noção já foi desmistificada por procedimentos como a incorporação de elementos do cotidiano e também pela explícita intertextualidade, que desloca o autor do lugar sagrado de criador absoluto do seu texto. Percebemos a distância significativa entre pensar a poesia na elaboração de metapoemas e defini-la, ao responder a uma entrevista. A leitura do livro vale ainda para pensarmos sobre várias questões concernentes ao universo da produção literária, universo este atravessado pelas complexas relações entre escrita e poder.

Susana Souto Silva é doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. É professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas e tem como áreas de interesse: literatura contemporânea, poéticas interartes e circulação do texto literário. (susoutos@yahoo.com.br)